Sapatões, meias e chuteiras: Gênero, sexualidade e territorialidade no futsal feminino de São Raimundo Nonato, PI

João Victtor Gomes Varjão

Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo.

Email: jvgomesvarjao@gmail.com

Anderson Eduardo Araújo de Lima

Graduando em Antropologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

Email: anderson.eduardo200163@gmail.com

Resumo

Este artigo etnografa o futsal feminino em São Raimundo Nonato, Piauí, como um espaço que articula sociabilidade, performances de gênero dissidentes e negociações de desejo. A partir da pesquisa de campo e entrevistas, analisa-se como os torneios funcionam como territórios móveis de encontro para mulheres lésbicas e bissexuais, suprindo a ausência de espaços LGBTQIAPN+ na cidade. Discute-se a territorialidade do futsal e sua relação com a marginalização da presença lésbica no espaço urbano.

Palavras-chave: futsal feminino; gênero; desfeminilidade; territorialidade; São Raimundo Nonato/PI.

Dykes, socks, and cleats: gender, sexuality, and territoriality in women's futsal in São Raimundo Nonato, PI, BRA

Abstract

This article ehtnographies women's futsal in São Raimundo Nonato, Piauí, as a space where sociability, dissident gender performances, and negotiations of desire intersect. Using an ethnographic approach, it analyzes how tournaments function as mobile territories of encounter for lesbian and bisexual women, compensating for the lack of LGBTQIAPN+ spaces in the city. The article discusses the territoriality of futsal and its connection to the marginalization of lesbian presence in urban spaces.

Keywords: women's futsal; gender; desfeminilidade; territoriality; São Raimundo Nonato/PI.

Introdução[1]

Anderson chegou à comunidade do Fechadão, localizada a 13km de São Raimundo Nonato, PI, por volta das 16h30. Ele foi na garupa da moto da Paula[2], jogadora e "dona do time", e as outras oito jogadoras que se dividiram entre suas motos e suas namoradas. O time iria participar do torneio do Fechadão, que, como em outros torneios, costumava agregar uma considerável quantidade de homens e mulheres - mais de cem pessoas, interessadas no futsal feminino e outras relações que o futsal permite emergir. Paula tinha seu cabelo preto, liso e amarrado em coque. Ela estava usando roupas escuras, camisa preta folgada e short não muito curto, calçava chinelos da mesma cor. Em uma de suas orelhas, havia um alargador em formato espiral que iniciava com uma espessura menor do que o final do caracol. Ao chegar ao local do torneio, avistei que outras jogadoras usavam roupas parecidas com as da Paula - vestes que são consideradas como não "femininas", camisas de time largas, short de tactel e cabelos em coque que poderiam vir com um corte degradê em toda lateral ou em apenas um lado. Junto a Anderson estava a outra parte do time e as companheiras de algumas jogadoras. Algumas dessas companheiras usavam roupas "mais femininas" como short jeans curto, *cropped* ou camisas mais coladas e cabelos soltos e longos.

O Fechadão é uma comunidade pequena com igreja, clube, bares e o campo de futebol. Poucas casas no horizonte e o vermelho do solo, salpicado de algumas árvores que formavam a paisagem. No campo, a terra era alaranjada e as marcações brancas feitas em cal. As redes eram postas atrás das traves, improvisadas com varas e troncos de árvores. As mulheres eram presença significativa do espaço, não apenas as jogadoras, mas também outras pessoas interessadas nos torneios. Boa parte dessas mulheres possuíam semelhanças com as jogadoras. Trajavam os mesmos cortes de cabelo: curtos com desenhos feitos com lâminas de barbear. Seus jeitos de corpo também se aproximavam: gesticulações, formas de caminhar e de se comunicar. Nos bastidores dos jogos, as mulheres riem alto entre si, xingam e fazem brincadeiras de cunho sexual, o que posteriormente descobrimos ser considerada uma parte de *performance* de gênero "desfem".

Antes do jogo do dia, Anderson estava ao lado de Paula quando Flávia e Marta, um casal, chegaram. Em conversas anteriores, Paula havia contado que já havia se relacionado com Flávia. Assim que se encontram, Paula e Flávia trocaram um abraço caloroso e começaram a se acariciar. Marta, ao lado, observa a cena sem qualquer sinal de incômodo. Durante a conversa, Flávia menciona a atual "ficante" de Paula e, em tom de brincadeira, sugere que ela experimente o "beijo grego" para conquistar de vez a menina. Mais tarde, após alguns jogos, perguntei a Marta como ela e Flávia se conheceram. Ela sorriu e respondeu: "Foi em um torneio aqui na cidade [...] Eu ia assistir, mas também estava de olho nas meninas. Foi assim que conheci ela, e desde então estamos juntas."

Posteriormente, em uma conversa, Anderson perguntou a Paula quais eram suas intenções em frequentar os torneios e os campeonatos, quando ela começou a acompanhar esses lugares. Paula respondeu da seguinte forma: "Eu ia só para conhecer mulheres, eu sabia que só rolava sapatão nos

[1] Este trabalho é resultado de uma pesquisa iniciada na disciplina Núcleo Temático (edição 2023.2), com o tema "Diagnóstico cultural, econômico e social do semiárido piauiense", desenvolvida dentro do Eixo 1, "Mapeando a diversidade sexual e de gênero em São Raimundo Nonato/PI", do curso de Antropologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco. A pesquisa foi conduzida por Anderson Eduardo Lima, sob a orientação do professor Me. João Victtor Gomes Varjão, que colaboraram na análise e na escrita dos dados apresentados neste artigo.

[2] Para preservar o sigilo da identidade das pessoas interlocutoras, os nomes mencionados neste trabalho são fictícios.

jogos. Eu aprendi jogar bola, entrei em um time, para eu ir para os campeonatos, pra eu conhecer mulheres. Eu ficava com mulheres nos jogos". Quando questionada onde havia mais encontros, ela me respondeu que acontecia mais nos interiores, como o Fechadão. Para ela, as meninas eram mais legais nesses lugares. Segundo Paula, São Raimundo Nonato não tinha lugares para encontros de mulheres: "Falta sim, lugares. A falta é gigantesca. Eu, como sapatão raiz, não gosto de sair, assim, para esses lugares que tem mais héteros [...] aqui em São Raimundo Nonato não tem esses lugares para a comunidade e o campeonato reuni".

Em outra ocasião, em conversa com Isadora, namorada de uma das jogadoras do time, ela compartilhou como conheceu sua companheira, Patrícia. Segundo seu relato, o encontro ocorreu durante um torneio no interior de São Raimundo Nonato, PI, quando ambas ainda jogavam por equipes rivais. Para Isadora, a maneira como se conheceram foi particularmente significativa, pois o futebol não apenas proporcionou o espaço de interação, mas também mediou as dinâmicas de cortejo e atração entre elas. Naquele período, Isadora era casada com um homem e já tinha um filho. No entanto, sentiu-se atraída por Patrícia, especialmente pelo modo como esta a cortejou durante a partida. Com o tempo, Isadora se divorciou e, em um torneio posterior, as duas trocaram presentes antes de darem o primeiro beijo. Relembrando esse momento, Isadora descreveu: "Na segunda vez que a gente se viu, a gente já comprou presente, era flor, era chocolate. Meu Deus! Aí ela chegou. Ela só ia falar comigo como amiga. Eu fui lá e beijei ela [...] isso foi no torneio do interior".

Argumentamos, assim, que o futsal feminino em São Raimundo Nonato, Piauí, constitui um território fundamental para a reconfiguração das dinâmicas de gênero, sociabilidade e sexualidade. Uma fala em particular de Isadora sintetiza essa experiência do futsal feminino na cidade: *"O futebol me ensinou a me descobrir"*. Os torneios de futsal feminino operam não apenas como espaços de competição esportiva, mas também como arenas de sociabilidade, desejo e descobertas subjetivas no contexto são-raimundense. A pesquisa foi realizada por meio de observação participante e trabalho de campo, seguindo a abordagem etnográfica, com jogadoras de um time de futsal feminino da cidade. O estudo abrangeu um período de nove meses, durante o qual foram acompanhados treinos, campeonatos e torneios realizados tanto na área urbana quanto em localidades interioranas, em quadras e campos de areia no ano de 2024. Além disso, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com jogadoras de idades entre 23 e 36 anos, que se autodenominam lésbicas, bissexuais ou heterossexuais. Embora os dados etnográficos apresentados tenham sido, inicialmente, construídos a partir do trabalho de campo realizado por um dos autores, defendemos a etnografia como uma produção constantemente reelaborada criativamente (Saéz, 2013; Strathern, 2014) e, neste trabalho, construída em conjunto pelos autores. É preciso mencionar que, entre as interlocutoras, destaca-se Paula, mulher cis, parda, sapatona desfem e "dona" do time. Sua participação foi essencial para ampliar o acesso ao campo, possibilitando interações mais aprofundadas e discussões que forneceram dados significativos para este artigo. A partir dessas interlocuções, buscamos compreender de que forma o futsal feminino, para além da prática esportiva, se consolida como um espaço de sociabilidade, afetividade e reconfiguração de performances de gênero dissidentes na cidade.

O futsal feminino em São Raimundo Nonato/PI

O futsal feminino em São Raimundo Nonato, Piauí, configura-se como um lócus privilegiado de interseccionalidade entre gênero, sexualidade e dinâmicas espaciais, funcionando como um espaço de

sociabilidade, negociações identitárias e performances dissidentes. Em um cenário de escassez de espaços LGBTQIAPN+ na cidade, os torneios e campeonatos femininos emergem não apenas como eventos esportivos, mas como arenas de disputa simbólica e política. Esses encontros mobilizam redes de afetividade e desejo, operando como dispositivos de resistência à normatividade hegemônica, ao mesmo tempo em que constroem formas alternativas de pertencimento e subjetivação.

São Raimundo Nonato, situada na região semiárida do sertão do Piauí, ilustra um cenário típico do interior nordestino, onde a articulação entre o urbano e o rural se dá de maneira fluida e dialética (Varjão, 2021; Domingues & Gontijo, 2021). O município, amplamente conhecido pelo Parque Nacional da Serra da Capivara e seu patrimônio arqueológico, insere-se em um complexo campo de disputas culturais e sociais. A sociabilidade, os fluxos de migração e os processos de territorialização influenciam diretamente a constituição dos espaços de lazer e encontro, tornando o futsal feminino um fenômeno que extrapola a dimensão esportiva para se inscrever como um dispositivo social e político de reconfiguração das normas de gênero.

Neste trabalho, São Raimundo Nonato/PI é compreendida como uma cidade do interior ou, pelo menos, como um espaço que compartilha uma interioridade (Gontijo e Erick, 2015; Varjão, 2021), alinhando-se às discussões sobre diversidade e território em contextos interioranos. Essa perspectiva dialoga com a ampla produção sobre territorialidades e experiências urbanas em cidades fora dos grandes centros (Gontijo; Erick, 2020; Gontijo, 2024).

Segundo Gontijo e Erick (2015), a interioridade pode ser definida de maneira relativa como "um espaço-tempo que transita entre ruralidade e urbanidade, confundido pela dinâmica da etnicidade" em contextos diversos (p. 31). Assim, no contexto de São Raimundo Nonato, essa interioridade se manifesta nas múltiplas formas de viver e experimentar a cidade, marcadas pela intersecção entre ruralidade e urbanidade. As dinâmicas sociais e espaciais locais tensionam dicotomias entre tradição e modernidade, produzindo formas singulares de pertencimento e negociação do espaço urbano, especialmente no que diz respeito às vivências da diversidade sexual e de gênero.

A pesquisa etnográfica evidenciou que os campeonatos de futsal operam como espaços fundamentais para a criação de sociabilidades dissidentes. Em um dos primeiros campeonatos observados, realizado na cidade de São Raimundo Nonato, o evento ocorreu em uma quadra localizada em um bairro periférico, cerca de dois quilômetros do centro. O bairro, relativamente recente, apresentava algumas ruas sem pavimentação e casas dispersas, enquanto a avenida principal era asfaltada. A quadra, situada nessa avenida, possuía arquibancadas em duas áreas: uma atrás de um dos gols e outra na lateral. Próximo dali, um bar e um pequeno mercado serviam como pontos de encontro antes e depois das partidas.

Foi nesse torneio que aconteceu o primeiro contato com o time estudado. Após algumas interações informais, desenvolveu-se uma conversa prévia sobre a pesquisa com Paula e Amanda, jogadoras que demonstraram grande interesse no estudo. A entrevista ocorreu posteriormente, em um estabelecimento ao lado da quadra do bairro Altamira, onde acontecia outro torneio. A estrutura da quadra era semelhante à do campeonato anterior, diferenciando-se apenas pela ausência de arquibancadas. Durante a entrevista, emergiram discussões sobre a influência dos campeonatos e torneios na sociabilidade das jogadoras, especialmente no que diz respeito às interações entre mulheres.

Quando perguntada sobre a relação entre os torneios e a sociabilidade, Paula respondeu:

> Facilita demais. Facilita porque é onde as pessoas se encontram. É onde estão todas reunidas. Mas acontece mais em torneios do interior. Por quê? Porque é a fachada da cidade, não tem pessoas para estar vendo, né? Porque ainda tem aquelas pessoas que não querem ficar no meio do povo e tal, beleza. Quando é um torneio aqui na cidade, não acontece muito. É apenas um lugar como o outro. Mas quando é assim no interior, que aí começa o paredão a tocar, começa a beber, aí vira um cabaré.

A fala de Paula evidencia a diferença entre os torneios realizados no centro urbano e aqueles organizados em áreas mais afastadas. Nos interiores, há uma liberdade maior para vivências dissidentes, uma vez que a visibilidade é reduzida e a vigilância social heteronormativa se afrouxa. Esse fenômeno revela uma dinâmica espacial relevante: lugares mais afastados permitem que normas de gênero e sexualidade sejam subvertidas de maneira menos controlada.

A presença da heteronormatividade no meio esportivo afeta diretamente as formas de sociabilidade e desejo entre as jogadoras. Pisani (2018) analisa como as jogadoras negociam e exercem suas sexualidades dentro do esporte, revelando que as normas de gênero afetam a permissividade e a circulação do desejo. Segundo a autora, as "lésbicas bofinhos" – termo que designa jogadoras com expressões de gênero mais masculinas – possuem maior trânsito e liberdade para interações afetivo-sexuais durante os torneios. Em contrapartida, as jogadoras com expressões de gênero mais femininas enfrentam mais restrições e são pressionadas a adotar posturas de maior contenção e discrição em suas relações.

Esse padrão também foi identificado na pesquisa etnográfica. Jogadoras mais masculinas frequentemente transitavam com maior fluidez entre diferentes parceiras, enquanto aquelas com performances mais femininas relatavam sentir um peso social maior para manter um relacionamento mais estável. No entanto, essas restrições não impedem a formação de laços diversos, tanto sexuais quanto afetivos.

Os relatos das jogadoras evidenciam que o desejo e a possibilidade de encontro estão profundamente atrelados ao espaço em que ocorrem. Paula comenta:

> Não tem muitos lugares assim. Ah! Esses reúnem mais o pessoal da comunidade LGBT. Não tem. Que eu conheça, não [...] onde eu vejo mais meninas, eu vejo mais em jogo de futebol, em torneios de futebol.

A falta de espaços seguros na cidade para encontros entre mulheres reforça a importância dos torneios e campeonatos como lugares de experimentação e circulação de desejos dissidentes. Em outro momento, Paula reflete sobre a diferença entre a cidade e o interior:

> Tipo, por ser casal de mulheres, aí ficar num bairro (na cidade) perigoso até tarde, namorando, pra depois ir embora, é perigoso. Então não fica, entendeu? Quando é no interior, que vai vir todo mundo junto, é mais fácil. Tu entende, né?

O espaço urbano, portanto, não apenas normatiza, mas também delimita e restringe as práticas afetivo-sexuais dissidentes. A cidade, vigiada e normatizada, empurra essas experiências para os limites espaciais, onde a regulação social é menos intensa e a margem se torna central na produção do desejo.

A análise dos campeonatos e torneios de futsal feminino em São Raimundo Nonato revela a centralidade desses eventos na produção de sociabilidades dissidentes. Mais do que uma prática esportiva, o futsal se constitui como um território de resistência, onde jogadoras constroem redes de apoio, desafiam normas de gênero e sexualidade e estabelecem formas alternativas de pertencimento.

Se, por um lado, os torneios de futsal proporcionam um espaço de maior liberdade para expressões dissidentes, por outro, revelam também como certas hierarquias internas continuam operando. A forma como gênero e desejo se articulam nesses encontros demonstra que, mesmo dentro de espaços de resistência, ainda há dinâmicas de controle e diferenciação baseadas em performances de gênero. O futsal feminino em São Raimundo Nonato, ao mesmo tempo que desafia normas hegemônicas, evidencia como as disputas sobre gênero, sexualidade e territorialidade seguem em constante negociação, ressignificando e ampliando as possibilidades de subjetivação e pertencimento no interior nordestino.

Desfeminilidades em campo

A inserção das mulheres no futebol sempre foi marcada por resistências e desafios. Moraes (2022) argumenta que o esporte, historicamente, foi consolidado como um espaço de sociabilidade masculina e heterossexual, no qual a virilidade e a masculinidade foram afirmadas, enquanto as mulheres foram excluídas ou vistas como transgressoras. Essa perspectiva foi reforçada por discursos médicos e biológicos que legitimavam a ideia de que o futebol era inadequado para as mulheres, um discurso que ainda ressoa em muitas das proibições e preconceitos enfrentados pelas jogadoras.

O caso do futsal feminino em São Raimundo Nonato insere-se nesse contexto histórico mais amplo. A trajetória do futebol feminino no Brasil foi marcada por períodos de repressão e resistência. Almeida (2022) destaca que, apesar de o futebol ter chegado ao Brasil em 1894 como um esporte elitista e predominantemente masculino, já em 1913 há registros da participação de mulheres, ainda que sua presença tenha sido tratada de forma exótica ou marginal. Durante a década de 1940, quando o futebol feminino ganhou mais notoriedade, iniciou-se uma campanha contra a sua prática, articulada pela imprensa, a igreja, a polícia e setores do governo, culminando na proibição oficial da modalidade para mulheres entre 1941 e 1979. Almeida (2022) aponta que a tentativa de profissionalização do futebol feminino chegou a ser comparada à prostituição, evidenciando a carga moral que envolvia a presença das mulheres no esporte.

Moraes (2022), em um estudo sobre mulheres que jogavam futebol na década de 1970 no interior da Bahia, analisa como as jogadoras eram percebidas como desviantes das normas sociais, pois sua prática esportiva confrontava os atributos tradicionalmente femininos de doçura e fragilidade. Essa perspectiva ajuda a compreender as resistências que ainda hoje permeiam o futsal feminino em São Raimundo Nonato, onde as jogadoras desafiam padrões locais de feminilidade ao ocuparem os espaços públicos para jogar.

Nesse contexto, a desfeminilidade emerge como uma categoria central para a compreensão das performances de gênero no futsal feminino, marcando um distanciamento consciente dos padrões

tradicionais de feminilidade impostos às mulheres. O jogo e suas práticas corporais produzem uma gestualidade particular, caracterizada por posturas, trajes e modos de interação que subvertem as expectativas normativas de gênero. Dessa forma, o futsal não apenas reconfigura noções de masculinidade e feminilidade, mas também cria um campo de negociação identitária, onde jogadoras constroem e afirmam sua autoimagem de maneiras dissidentes.

A abordagem de Judith Butler (1990; 1993) sobre a performatividade de gênero é especialmente relevante para compreender a maneira como essas identidades e expressões se manifestam. Para Butler, o gênero não é uma essência fixa, mas uma construção contínua realizada por meio de performances repetitivas. Essas performances envolvem gestos, discursos e práticas que reforçam ou subvertem normas sociais preexistentes. No contexto do futsal feminino, a desfeminilidade surge como um ato performativo que desafia a heteronormatividade e as expectativas convencionais de feminilidade, criando novas formas de subjetivação e pertencimento.

Dentro desse universo, algumas jogadoras utilizam o termo "sapatão desfém" para definir um tipo específico de expressão de gênero e postura social. Durante uma conversa, Paula explicou o significado dessa categoria da seguinte forma:

> É aquela sapatão que tem mais atitude para conquistar, ela que tem que ter a iniciativa. É aquela sapatão menos feminina, que veste roupa de homem, que tem um jeito mais assim, já vem de fábrica desde pequena. Já a sapatão fém é aquela mais menininha. Eu sou uma sapatão desfém. Eu gosto mais de coisas de homem, roupas de homem. Eu não me visto com roupas de mulher, não gosto.

A fala de Paula ilustra como a desfeminilidade não se limita a um estilo visual ou a uma forma de se vestir, mas envolve posturas corporais, gestualidade e um modo específico de se posicionar em interações afetivo-sexuais. Como sugere Butler, o gênero não é algo que se "é", mas algo que se "faz", sendo reiterado por práticas cotidianas. No futsal, a repetição dessas performances cria um campo de significação onde ser "desfém" se torna uma identidade inteligível dentro do grupo, operando como uma resistência às normas heteronormativas e patriarcais.

Além da noção de "desfém", surgem outros termos que circulam regionalmente para designar variações da performance de gênero entre mulheres lésbicas e bissexuais. Paula menciona um desses termos:

> O povo chama a desfém [...] Alguns chamam de caminhoneira [...] mas como eu te disse, eu me considero como uma caminhoneira como aquela raiz, aquela sapatãozão raiz que quer ser o homem. Aí tem a desfém [...] O povo chama meio termo. Quer dizer que ela é meio termo, ela é meio mulher e meio homem. O povo aqui chama muito 'machibode' também.

E complementa:

> Machibode. É tipo como se fosse uma linguagem regional, um nome regional que elas inventaram pra chamar sapatão metade macho, metade mulher [...] O bode eu não sei por que que é, mas aqui [...] é como se fosse metade e metade.

Essas categorias linguísticas evidenciam como as jogadoras e a comunidade LGBTQIAPN+ local elaboram suas próprias taxonomias de gênero e sexualidade, criando termos e significados que fogem das classificações normativas usuais. O uso dessas terminologias sugere a existência de um repertório próprio de identidade, que permite nomear e diferenciar diferentes formas de ser sapatão no contexto interiorano. Ao nomear-se como "desfém" ou "machibode", essas jogadoras criam novas possibilidades de existência dentro do espectro das masculinidades dissidentes, deslocando e ressignificando as fronteiras do que é inteligível como gênero na cidade[3].

Para além das definições identitárias, a afetividade opera como um elemento estruturante dessas sociabilidades, evidenciando como os torneios e campeonatos de futsal funcionam como espaços de experimentação relacional e desejo. Os encontros entre jogadoras e torcedoras possibilitam a emergência de vínculos que ultrapassam a esfera esportiva, estruturando redes de apoio, amizade e envolvimentos amorosos. Dessa maneira, o futsal feminino se inscreve como um território de potencialização da presença lésbica e dissidente no interior, onde a partilha de experiências e a negociação de afetos ampliam as possibilidades de subjetivação e resistência.

Ao desafiar normas hegemônicas e reconfigurar performances de gênero, o futsal feminino em São Raimundo Nonato não apenas tensiona a normatividade heterossexual, mas também instaura um espaço de invenção de si, no qual novas formas de existência lésbica e dissidente se constroem coletivamente. A desfeminilidade, nesse sentido, não é apenas uma característica estática, mas uma performance reiterativa que opera como resistência, ecoando a tese de Butler de que as identidades de gênero não são naturais ou fixas, mas produzidas e contestadas por meio de práticas cotidianas.

O futsal, ao possibilitar a repetição dessas performances em um ambiente de maior liberdade, se torna um campo privilegiado para a subversão das normas de gênero, permitindo que mulheres construam e experimentem identidades que escapam das expectativas sociais dominantes. Assim, ser "desfém", "machibode" ou "sapatão caminhoneira" não significa apenas adotar uma determinada estética ou comportamento, mas participar ativamente de um jogo performativo que desafia a matriz heteronormativa e expande as possibilidades de subjetivação no interior do Brasil.

Experiências afetivo-sexuais

Como pode ser percebido, o futsal feminino em São Raimundo Nonato não se limita à prática esportiva. Ele opera como um território de afetividade, onde relações interpessoais se constroem e se fortalecem para além da competição. Em um contexto onde normas sociais conservadoras restringem a visibilidade da diversidade sexual e de gênero, os torneios e campeonatos emergem como espaços de maior liberdade, permitindo que jogadoras explorem sua sexualidade e expressem afetos sem a vigilância normativa predominante em outros ambientes da cidade.

A dinâmica do futsal possibilita a formação de redes de sociabilidade que extrapolam as quadras, se estendendo para o cotidiano das jogadoras e promovendo interações que frequentemente resultam em laços afetivo-sexuais. A convivência intensa, os momentos de celebração após as partidas e a

[3] Essas fronteiras linguísticas e identitárias são amplamente discutidas no Glossário de (des)identidades sexuais (2023) organizado por Guillermo Vega Sanabria e Moisés Lino e Silva.

cumplicidade gerada pelo esporte criam um campo fértil para o surgimento de envolvimentos românticos, além de fortalecer redes de apoio mútuo. Esses laços, muitas vezes invisibilizados ou reprimidos em outros espaços, encontram no futsal um ambiente de maior liberdade e expressão.

A etnografia realizada nos campeonatos evidencia como esse contexto favorece a construção de relações afetivas e sexuais. Muitas jogadoras relatam que seus primeiros contatos com outras mulheres ocorreram nesses espaços, seja pelo compartilhamento de experiências, seja pela própria dinâmica de sociabilidade, que possibilita interações mais espontâneas e menos regulamentadas pelas normas heteronormativas dominantes na cidade.

Retomando a fala de Isadora, podemos perceber como sua experiência no futsal transformou sua percepção sobre o desejo:

> Eu fui começar a ter interesse por mulheres quando comecei a frequentar [campeonatos e torneios femininos]. Eu nunca tinha experimentado antes [mulheres], mas aí nos jogos, eu comecei a olhar diferente pra elas, dar umas olhadas.

Paula também destaca o papel do futsal como espaço de encontros, afirmando que seu envolvimento com o esporte não foi motivado apenas pela paixão pelo jogo, mas também pelo desejo de conhecer outras mulheres:

> Eu entrei no futsal só para conhecer mulheres. Eu sabia que rolava sapatão dentro dos jogos. Aprendi a jogar bola, entrei em um time e fui para os campeonatos e torneios para conhecer mulheres [...] eu não vou só por isso, mas a gente une o útil ao agradável.

Esses relatos demonstram que o futsal feminino transcende sua função esportiva, configurando-se como um território de resistência afetiva, onde as dinâmicas de desejo e expressão emocional são ressignificadas. Em cidades interioranas, onde a normatividade heterossexual exerce forte pressão sobre as dinâmicas sociais e a expressão pública da diversidade sexual ainda encontra barreiras significativas, os campeonatos de futsal atuam como espaços de encontro, flerte e experimentação afetiva.

Paula, ao relatar suas experiências nos torneios, reforça essa ideia:

> Por ter muitas meninas que jogam futebol (nos torneios e campeonatos no interior ou na cidade) [...] a maioria, (não vou generalizar porque tem as héteros também), mas como tem uma grande maioria que são lésbicas, bi, desfem, fem, e por não ter lugares na nossa cidade que reúnam essas pessoas, elas vão todas assistir aos jogos atrás das jogadoras.

Além das relações românticas, as redes de apoio formadas no âmbito do futsal desempenham um papel fundamental na criação de um sentimento de pertencimento comunitário. Essas redes proporcionam suporte emocional e acolhimento diante de conflitos familiares, além de solidariedade material em momentos de necessidade. A coesão entre as jogadoras se manifesta dentro e fora de campo, criando um ambiente de proteção mútua, como ilustra Paula:

> Ali no interior, você tá com o seu time, só vem embora quando vem todas. E ali você pode. Você vai pra trás dos carros, vai pras cercas. Tem cada história dessas meninas. Mas na hora de ir embora, todo mundo espera pra todo mundo vir embora. Entendeu? Pra vir embora junto.

Assim, o futsal feminino em São Raimundo Nonato assume um papel central na construção de sociabilidades dissidentes, desafiando as normas locais sobre gênero e sexualidade. Ele não apenas permite que afetos invisibilizados surjam, mas também tensiona as fronteiras da normatividade local, legitimando subjetividades historicamente marginalizadas.

Mais do que um simples fenômeno esportivo, o futsal feminino é um território de resistência e reconfiguração de afetos, no qual as jogadoras encontram um espaço para negociar suas identidades, construir relações e desafiar as imposições heteronormativas e patriarcais que estruturam a vida social na cidade. A análise dessas experiências evidencia a complexidade das interações estabelecidas nesse contexto, revelando o futsal não apenas como um ambiente de lazer, mas como um fenômeno que articula esporte, desejo, identidade e pertencimento em um espaço de contínua negociação e subversão das normas sociais.

A territorialidade do futsal feminino em São Raimundo Nonato/PI

O conceito de território na antropologia e na geografia crítica tem sido amplamente discutido como um espaço que não é apenas físico, mas também simbólico, social e político (Haesbaert, 2004; Massey, 2005). A territorialidade, por sua vez, remete às práticas e relações que definem e ressignificam um espaço, constituindo um elemento central na produção de pertencimento e identidade. Como apontam Magnani (2002) e De Certeau (1994), os espaços urbanos não são fixos ou neutros, mas sim constantemente reapropriados e ressignificados pelos grupos sociais que os ocupam. No caso do futsal feminino em São Raimundo Nonato, este esporte configura-se como um território híbrido, oscilando entre o urbano e o rural, o tradicional e o moderno, desafiando fronteiras físicas e simbólicas na cidade.

A cidade de São Raimundo Nonato apresenta uma dinâmica espacial peculiar: embora tenha características urbanas, sua organização social e suas redes de interação refletem lógicas interioranas. Esse contexto impacta diretamente a maneira como as jogadoras vivenciam o futsal, pois os espaços esportivos não são apenas locais para a prática do jogo, mas também pontos de referência para sociabilidade e autoexpressão. Os campeonatos, organizados em quadras públicas, muitas vezes ao ar livre, funcionam como arenas nas quais as performances de gênero são negociadas e legitimadas, tornando-se espaços de disputa e afirmação identitária. Como argumenta Magnani (2002), em seus estudos sobre sociabilidades urbanas, certos grupos constroem territórios próprios em meio à cidade, apropriando-se de espaços públicos e criando zonas de pertencimento que desafiam a organização hegemônica da vida urbana.

Os espaços do futsal feminino tornam-se, assim, territórios móveis, ocupados de maneira tática e estratégica por mulheres que desafiam as normas sociais sobre o corpo feminino no esporte. Durante a etnografia, foi possível observar que as jogadoras interpretam esses espaços de maneiras diversas: algumas enxergam as quadras como locais de resistência, enquanto outras os percebem como refúgios das imposições normativas da cidade. Para muitas delas, esses torneios representam um ambiente de

liberdade, onde podem expressar suas identidades sem o temor da vigilância social. Como expressa Paula: "Durante os jogos, eu, assim, fico à vontade, visto roupas que me sinto bem, roupas que não são de mulheres, porque minhas roupas, a maioria, são de homens".

A prática do futsal feminino em São Raimundo Nonato redefine as fronteiras simbólicas da cidade, tornando visíveis corpos e identidades dissidentes em um contexto predominantemente conservador. Ao ocupar praças e quadras, essas mulheres desafiam a expectativa de que os espaços públicos sejam hegemonicamente masculinos, abrindo novas possibilidades para a presença lésbica e *queer* na cidade. Dessa forma, o futsal se inscreve em uma disputa simbólica mais ampla, na qual a prática esportiva se entrelaça com processos de resistência, pertencimento e afirmação identitária. Como sugere Perlongher (1987), a ocupação de determinados espaços urbanos por grupos dissidentes não apenas transgride normas sociais, mas também produz novos arranjos territoriais, onde desejos e corpos dissidentes se tornam centrais.

A noção de desfeminilidade emerge nesse contexto como uma recusa consciente ou ressignificação das normas convencionais de feminilidade, manifestando-se por meio de estéticas, práticas corporais e formas de interação que questionam os padrões hegemônicos de gênero. No futsal feminino, a desfeminilidade adquire contornos específicos, sendo central na construção identitária das jogadoras e um mecanismo de resistência às imposições normativas. Como argumenta Butler (1990), o gênero não é uma essência fixa, mas uma performance reiterada, sustentada por normas que podem ser contestadas. Nesse sentido, a estética corporal e gestualidade das jogadoras de futsal tornam-se ferramentas de subversão performativa, nas quais a oposição aos padrões convencionais de feminilidade se manifesta não apenas no vestuário – camisas largas de time, shorts esportivos, chuteiras – mas também em posturas corporais expansivas, modos de falar assertivos e dinâmicas de interação que subvertem as expectativas de recato frequentemente atribuídas ao feminino.

Para além da estética, as interações entre as jogadoras e a forma como ocupam o espaço também expressam a desfeminilidade. Como observam Strathern (1988) e Connell (2005), os marcadores de gênero são performados em contextos específicos e podem ser negociados em relação ao espaço e às normas locais. No futsal, a desfeminilidade não se resume à aparência, mas à forma como essas mulheres habitam e movimentam-se nos espaços esportivos. O humor irreverente, as gírias utilizadas e a cumplicidade entre as jogadoras reforçam a criação de um espaço de sociabilidade que desafia a lógica heteronormativa dominante.

As narrativas das jogadoras demonstram que a participação no futsal também está profundamente conectada a trajetórias pessoais de resistência e construção de pertencimento. Paula relata que encontrou no futebol um espaço de refúgio e identidade:

> Desde pequena eu já gostava de jogar futebol. E aí quando eu cresci eu pensei que as mulheres nem jogavam futebol. Aí, eu fui vendo umas mulheres já adultas, mais velhas jogando, e eu digo: 'ah, não. Aí, tá!' Terminei meu relacionamento, tava entrando em depressão, eu disse, eu tenho que caçar alguma coisa pra fazer. Aí, as meninas disseram assim: 'vamos jogar bola?'. Lá tem umas mulheres que jogam bola, vamos lá jogar bola também. Aí, eu comecei a jogar bola e gostei.

A prática do futsal feminino em São Raimundo Nonato extrapola os limites do esporte e atua como um vetor de reconfiguração territorial. Como argumentam De Certeau (1994) e Magnani (2002),

a apropriação dos espaços urbanos por grupos subalternizados altera sua significação e desafia a hegemonia masculina sobre o espaço público. Nesse processo, as quadras de futsal tornam-se pontos de encontro e pertencimento, nos quais a presença feminina não apenas é legitimada, mas também produz novas territorialidades.

A territorialidade do futsal feminino não se restringe à apropriação física dos espaços, mas compreende processos simbólicos que ressignificam o papel das mulheres na sociedade local. Como observam Scott (1995) e Connell (2005), as relações de gênero são constantemente negociadas em diferentes esferas sociais, e no caso do futsal feminino, essa negociação ocorre tanto na ocupação do espaço público quanto nas dinâmicas de sociabilidade das jogadoras. Jogadoras que anteriormente eram vistas como transgressoras passam a ser reconhecidas como agentes legítimas da cena esportiva da cidade, ampliando as possibilidades de participação das mulheres no esporte e influenciando outras esferas da vida cotidiana.

Dessa forma, a reconfiguração territorial promovida pelo futsal não apenas redefine os espaços esportivos, mas também sugere uma transformação mais ampla na forma como as mulheres se relacionam com a cidade e são percebidas dentro dela. Como sugere Perlongher (1987), as territorialidades dissidentes não apenas contestam normas espaciais, mas criam novas redes de pertencimento e sociabilidade, redefinindo a relação entre corpos, espaços e desejos. O futsal feminino, ao construir um território alternativo para mulheres em São Raimundo Nonato, desafia hierarquias estabelecidas e cria novos arranjos de pertencimento, tornando-se um instrumento de visibilidade, autonomia e reconfiguração das normas de gênero no interior do Brasil.

Considerações finais

A partir das observações de campo realizadas em torneios e campeonatos tanto na cidade quanto no interior, percebe-se que mulheres de diferentes faixas etárias, cores e corporalidades se reúnem para jogar e assistir ao futsal. Esses eventos consolidam-se como espaços fundamentais de sociabilidade e expressão da sexualidade e de performances de gênero dissidentes, especialmente a desfeminilidade. Além disso, para muitas interlocutoras, trata-se de um dos poucos espaços disponíveis na cidade onde podem se reunir de forma confortável e sem vigilância. Lefebvre (2011) argumenta que a cidade deve conter espaços que permitam aos indivíduos suprirem suas necessidades relacionadas à sociabilidade, sexualidade e lazer. Nesse sentido, o futsal feminino em São Raimundo Nonato ocupa uma lacuna significativa, funcionando como um território de experimentação e resistência, no qual relações afetivo-sexuais e flertes se entrelaçam à prática esportiva, sugerindo uma reconfiguração das normas de gênero e sexualidade no interior.

O futsal feminino na cidade revela-se, portanto, um espaço de contestação e ressignificação, onde normas de gênero e sexualidade são desafiadas e renegociadas cotidianamente. Ao ocupar quadras e torneios, essas mulheres não apenas rompem com a lógica excludente dos espaços esportivos historicamente masculinizados, mas também constroem redes de apoio e pertencimento que ultrapassam os limites do jogo. Esse fenômeno demonstra a complexidade dos processos de territorialização, que vão além da ocupação espacial e englobam disputas simbólicas e políticas. Como observa Magnani (2002), os grupos sociais não apenas habitam a cidade, mas produzem territórios dentro dela, criando espaços próprios de sociabilidade e resistência.

A territorialidade emergente do futsal feminino ressignifica os usos da cidade, promovendo uma nova mobilidade para mulheres que, em muitos contextos, enfrentam restrições sociais em outros âmbitos da vida cotidiana. O espaço do esporte, ao tornar-se um território de expressão identitária, permite que essas jogadoras elaborem formas alternativas de existência e resistência frente a uma sociedade conservadora. Como argumenta De Certeau (1994), os espaços urbanos são ocupados e ressignificados de maneira tática por aqueles que desafiam normas hegemônicas, e no caso das jogadoras de futsal, isso ocorre pela apropriação das quadras como espaços de sociabilidade dissidente.

Dessa forma, o futsal feminino não deve ser compreendido apenas como uma prática esportiva, mas como um fenômeno sociopolítico que mobiliza identidades, redes de sociabilidade e modos de pertencimento. Sua análise contribui para a compreensão das dinâmicas de gênero e territorialidade no interior do Brasil, evidenciando como práticas cotidianas aparentemente banais podem operar como mecanismos de transformação social e contestação das normas vigentes. Como afirma Scott (1995), o gênero deve ser compreendido não como uma característica fixa, mas como uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado, sendo continuamente negociado e reconfigurado em diferentes espaços.

A abordagem etnográfica evidencia que o futsal feminino se constitui enquanto um território insurgente, no qual práticas dissidentes desafiam a lógica binária e a imposição de normatividades femininas e heterossexuais. O conceito de territorialidade, nesse contexto, deve ser compreendido em sua dimensão relacional e dinâmica, remetendo à apropriação simbólica e material dos espaços pelas jogadoras. Como argumenta Perlongher (1987), os corpos dissidentes não apenas ocupam o espaço, mas produzem novas territorialidades, ressignificando espaços antes normativamente regulados. O futsal, portanto, torna-se um meio pelo qual essas mulheres criam circuitos de sociabilidade que resistem à exclusão e à invisibilização, afirmando uma presença coletiva e identitária nos espaços públicos.

A análise do futsal feminino no interior do Brasil evidencia como as relações de gênero se entrelaçam à territorialidade, criando espaços de resistência em meio às restrições impostas pela sociedade. Mais do que um fenômeno esportivo, o futsal feminino constitui-se como um espaço de subversão, pertencimento e mobilidade, permitindo que mulheres não apenas desafiem normas esportivas, mas também construam novas territorialidades dissidentes. Dessa forma, o futsal feminino em São Raimundo Nonato desafia hierarquias estabelecidas e cria novos arranjos de pertencimento, promovendo maior visibilidade, autonomia e participação para as mulheres em um espaço historicamente marcado pela exclusão. A prática esportiva, nesse contexto, torna-se um instrumento de transformação social, reafirmando o futsal como um espaço de autonomia e reconfiguração das normas de gênero no interior do Brasil.

Referências

ALMEIDA, Caroline Soares de. Nas praias e nas várzeas: O movimento de retorno do Futebol Feminino entre os fins de década de 1970 e início de 1980. KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva (org.) **As Mulheres no Universo do Futebol Brasileiro**. Rio Grande do Sul: UFSM, 2022. p.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, Judith. **Bodies That Matter**: On the Discursive Limits of "Sex". New York: Routledge, 1993.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 2005.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

DOMINGUES, Bruno Rodrigo Carvalho; GONTIJO, Fabiano. Como assim, cidade do interior? Antropologia, urbanidade e interioridade no Brasil. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 23, n. 3, 2021. DOI: 10.5007/2175-8034.2021.e74075. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/74075. Acesso em: 28 fev. 2025.

GONTIJO, Fabiano; DOMINGUES, Bruno; ERICK, Igor. As Experiências da Diversidade Sexual e de Gênero em Quilombos do Nordeste e do Norte do Brasil. **Amazônica: Revista de Antropologia**, Belém, v. 8, n. 1, p. 62-89, 2016.

GONTIJO, Fabiano; ERICK, Igor. Diversidade Sexual e de Gênero, Ruralidade, Interioridade e Etnicidade no Brasil: Ausências, Silenciamentos e... Exortações. **ACENO**, Cuiabá, v. 2, n. 4, p. 24-40, 2015.

GONTIJO, Fabiano; ERICK, Igor. Diversidade Sexual e de Gênero e Pertencimento Étnico na Amazônia Brasileira. **Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCAR**, São Carlos, v. 10, n. 1, 2020.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: Tema, método e objetivo desta pesquisa. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Os pensadores. São Paulo, abril, 1984.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/001268679. Acesso em: 27 fev. 2025. DOI: 10.1590/s0102-69092002000200002

MASSEY, Doreen. **For Space**. London: Sage, 2005.

MORAES, Enny Vieira. Menina, você parece um macho-feme jogando bola! Relatos de mulheres jogadoras de futebol na Bahia (Jequié, anos 1970).

KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva (org.) **As Mulheres no Universo do Futebol Brasileiro**. Rio Grande do Sul: UFSM, 2022.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PISANI, Mariane da Silva. KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva (org.) **As Mulheres no Universo do Futebol Brasileiro**. Rio Grande do Sul: UFSM, 2022.

PISANI, Mariane da Silva. "Lesbianidades em campo: afeto e desejo entre jogadoras de futebol brasileiras". In: SAGGESE, Gustavo Santa Roza et al (Orgs.). **Marcadores sociais da diferença: gênero, sexualidade, raça e classe em perspectiva antropológica**. São Paulo: Terceiro Nome; Gramma, 2018a. p. 251-267.

SÁEZ, Oscar Calavia. Etnografia: Na mesa. **Esse obscuro objeto da pesquisa - um manual de método, técnicas e teses em antropologia**. Ilha de Santa Catarina: Edição do Autor, 2013.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

STRATHERN, Marilyn. **The Gender of the Gift: Problems with Women and Problems with Society in Melanesia**. Berkeley: University of California Press, 1988.

STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico. FERRARI, Florencia (org.) **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo, Cosac Naify, 2014, p. 345-406.

VARJÃO, João Victtor Gomes. **Andando junto: Relacionalidade LGBTQ+ e o parentesco**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal da Bahia, 2021.